

A VARIEDADE LINGÜÍSTICA NO ORIENTATIVO CURRICULAR: UMA LEITURA DISCURSIVA

Marli Steffany Alves de Almeida Gonçalves¹

Valdivina Moura de Almeida²

Weverton Ortiz Fernandes³

Resumo: A educação, em constante transformação, exige que os profissionais da área, especialmente os docentes, busquem alternativas inovadoras, como as metodologias ativas, para potencializar o processo de ensino e aprendizagem. Um desafio significativo, particularmente nos anos finais do ensino fundamental, é a dificuldade dos estudantes em ler, interpretar, compreender e produzir textos, a considerar, principalmente, os regionalismos linguísticos na linguagem dos estudantes. Por esta razão, filiamos à teoria da Análise de Discurso, de linha francesa, postulada por Eni Orlandi (2008), propomos um estudo sobre a concepção de variedade linguística no orientativo curricular para Mato Grosso, consonante a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o objetivo de analisar em que medida a concepção de variedade é interpretada/significada no material curricular de apoio e estudo. O procedimento metodológico da pesquisa configura-se como descritivo e interpretativo, conforme os estudos de Eni Orlandi pela Análise de Discurso no Brasil. Os resultados contribuem para a construção de estratégias pedagógicas eficazes e inovadoras, especialmente no contexto rural onde muitos alunos de Mato Grosso são alfabetizados e letrados, e que promovam um avanço significativo nas competências linguísticas dos estudantes. A pesquisa aponta para a necessidade de uma formação contínua dos professores e a adaptação das práticas pedagógicas para atender às especificidades locais e regionais.

Palavras-chave: Variedade Linguística. Discurso. Ensino Fundamental. Orientativo Curricular-MT.

VARIEDAD LINGÜÍSTICA EN LA ORIENTACIÓN CURRICULAR: UNA LECTURA DISCURSIVA

Resumen: La educación, en constante transformación, exige que los profesionales del área, especialmente los docentes, busquen alternativas innovadoras, como metodologías activas, para optimizar el proceso de enseñanza y aprendizaje. Un desafío significativo, particularmente en los últimos años de la educación primaria, es la dificultad que presentan los estudiantes para leer, interpretar, comprender y producir textos, especialmente considerando los regionalismos lingüísticos en su lengua. Por esta razón, afiliándonos a la teoría del Análisis del Discurso, de origen francés, postulada por Eni Orlandi (2008), proponemos un estudio sobre la concepción de variedad lingüística en las directrices curriculares de Mato Grosso, en consonancia con la Base Curricular Nacional Común (BNCC), con el objetivo de analizar en qué medida la concepción de variedad se interpreta/significa en el material de apoyo curricular y de estudio. El procedimiento metodológico de la investigación se configura como descriptivo-interpretativo, de acuerdo con los estudios de Eni Orlandi sobre el Análisis del Discurso en Brasil. Los resultados contribuyen al desarrollo de estrategias pedagógicas eficaces e

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol da UNEMAT – Diretoria de Ensino a Distância (DEAD). E-mail: marli.steffany@unemat.br

² Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol da UNEMAT – Diretoria de Ensino a Distância (DEAD). E-mail: valdivina.moura@unemat.br

³ Professor Orientador Bolsista Capes do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol da UNEMAT – Diretoria de Ensino a Distância (DEAD). E-mail: weverton.fernandes@unemat.br

innovadoras, especialmente en el contexto rural, donde muchos estudiantes de Mato Grosso son alfabetizados, y que promueven un progreso significativo en sus competencias lingüísticas. La investigación señala la necesidad de formación docente continua y la adaptación de las prácticas pedagógicas para atender las especificidades locales y regionales.

Palabras clave: Variedad lingüística. Discurso. Educación primaria. Directrices curriculares-MT.

Introdução

O ensino da língua desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, reflexivos e capazes de atuar de maneira responsável no contexto social e profissional. A interpretação e a produção de textos são habilidades essenciais para o desenvolvimento das competências do estudante e para o preparo dos indivíduos para a vida cotidiana, o mercado de trabalho e a participação ativa na sociedade. No entanto, é necessário considerar que cada região apresenta suas próprias variações linguísticas, que são influenciadas por aspectos culturais, históricos e geográficos, conforme estudos e pesquisas sociolinguísticas lideradas por Souza (2001) e Beline (2005), entre outros.

Este estudo trata da concepção de variedade linguística presente no Documento de Referência Curricular de Mato Grosso, voltado aos anos finais do ensino fundamental. A análise será realizada com base na Análise de Discurso de linha francesa, conforme os estudos desenvolvidos por Eni Orlandi no Brasil, buscando compreender como os sentidos sobre a linguagem e o sujeito são produzidos no texto curricular e quais implicações isso gera para a prática pedagógica, especialmente no contexto da Educação do Campo, onde diferentes formas de falar circulam e, muitas vezes, são alvo de preconceitos.

Essas variações, comumente categorizadas como "certas" ou "erradas", podem ser compreendidas como manifestações legítimas de diferentes modos de expressão, que merecem respeito e valorização. No contexto escolar, é essencial que essas diferenças sejam reconhecidas e trabalhadas de maneira inclusiva, evitando a reprodução de preconceitos linguísticos que possam marginalizar os alunos e comprometer seu desenvolvimento acadêmico. Promove-se assim, o respeito pelas diversidades linguísticas.

Dito de outro modo, o presente estudo, apesar de tratar da variedade linguística em um orientativo curricular, o faz pela teoria da Análise de Discurso francesa, com os aparatos teóricos e metodológicos que lhes são próprios, desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (2014). Esta pesquisa surge, entre as diversas razões, a partir das dificuldades de leitura e de escrita recorrentes entre estudantes de escolas do campo, particularmente, no que diz respeito à

pronúncia de palavras, à escrita, à interpretação textual e à produção de textos, conforme atividades constatadas através do estágio no Município de Santa Terezinha - MT, nordeste de Mato Grosso. Observa-se que esses alunos, ao ingressarem na escola, trazem consigo o saber adquirido em seu ambiente familiar, que, muitas vezes, está relacionado a um uso linguístico característico do campo.

Nesse sentido, o problema de pesquisa deste estudo se delimita à seguinte questão: como o orientativo curricular de Mato Grosso, nos anos finais do ensino fundamental, formula sentidos sobre a variedade linguística a partir da perspectiva da Análise de Discurso?

Essas especificidades linguísticas podem influenciar a aprendizagem, gerando dificuldades em tarefas escolares que exigem uma linguagem mais formal e padronizada. A forma como a variedade linguística é pensada pelo orientativo, exige estratégias pedagógicas sem prejuízos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes.

O objetivo principal deste estudo é compreender, discursivamente, a variedade linguística de que trata o orientativo curricular, e em que medida aparece como relevante para o trabalho docente em sala de aula, considerando os aspectos sociais e políticos da publicação do referido currículo (BNCC) no ano de 2018.

Dessa forma, os objetivos específicos deste estudo são: identificar como a variedade linguística é abordada no Documento de Referência Curricular de Mato Grosso; analisar os sentidos produzidos sobre a variedade na perspectiva da Análise de Discurso; e compreender como esses sentidos influenciam as práticas docentes no contexto da educação no campo.

A longo prazo, esse estudo visa promover uma educação mais inclusiva e equitativa, que permita aos alunos reconhecerem sua língua, ao mesmo tempo em que adquirem as habilidades necessárias para se expressarem de forma clara e argumentativa, especialmente por meio de textos dissertativos.

A escolha deste tema justifica-se pela necessidade de compreender como o orientativo curricular trata de assuntos linguísticos que são, ao mesmo tempo, históricos em nossa sociedade, bem como afeta a significação dos sujeitos participantes desta ação, que são os professores e os alunos: àqueles enquanto prática de ensinar, e estes os da prática de ensino.

Ao integrar essas especificidades ao currículo escolar e ao planejamento pedagógico, visamos refletir como o regionalismo está pressuposto pelo arquivo, em especial, a educação no campo. Este estudo, portanto, visa não apenas aprimorar o ensino da língua, mas também refletir o processo de aprendizagem mais significativo, motivador e adaptado às condições reais dos alunos.

A questão de variedade linguística não remete a uma entrevista, tampouco relatos dos diferentes falares, mas como está pressuposto na BNCC, cuja leitura sustenta-se pelos aparatos teóricos da Análise de Discurso. Para tanto, refletiremos sobre a concepção de variedade no orientativo curricular de Mato Grosso, que aparece ao lado do de variação, pelos estudos da Análise de Discurso, mais precisamente, pela noção de memória discursiva e formação imaginária.

A metodologia a ser utilizada para esta pesquisa será qualitativa, pois terá como *corpus* de análise as formulações que tratam da variedade linguística no orientativo curricular de Mato Grosso. Ou seja, será feita uma leitura interpretativa/descritiva sobre o conceito de variedade linguística na Base Nacional Comum Curricular. Esta proposta resulta na experiência em sala, momentos de observação e regência, conforme a produção escrita e interpretação de um conto intitulado *Chapeuzinho Vermelho*, em uma escola do campo no Município de Santa Terezinha - MT, nordeste de Mato Grosso.

Dito de outro modo, o procedimento metodológico da pesquisa será descritivo e interpretativo, conforme os aparatos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi. O processo, conforme a pesquisadora (2014) compreende a de-supercialização do objeto de estudo em processos discursivos, nos quais a materialidade do arquivo constitui-se pela relação do dizer à historicidade dos sentidos.

Assim, os processos discursivos quanto à formulação de *variedade* e, também, o da *variação linguística*, presente no *Documento de Referência Curricular para Mato Grosso*, mais precisamente, anos finais do ensino fundamental, será trabalhada pela relação dos dizeres em uma condição de produção dos sentidos, cuja significação compreenderá a relação de um dizer com outros dizeres, em contextos distintos.

1. A variedade linguística no orientativo curricular-MT: considerações iniciais

A concepção de variedade linguística é definida como o uso de diferentes formas que possuem o mesmo significado, mas que são influenciadas pelo contexto geográfico, social ou situacional. O preconceito linguístico, frequentemente alimentado pelas mídias, tende a desvalorizar essas variações, promovendo apenas a norma culta como a única forma “correta” de falar e escrever (Vasconcelos, 2022).

O autor enfatiza ainda, que a escola desempenha um papel importante na forma como as variações linguísticas são abordadas. Em vez de focar exclusivamente na norma culta, alguns

educadores defendem que o objetivo deve ser a clareza na expressão dos pensamentos, independentemente de se aderir à norma formal. Assim, o professor deve ser capaz de compreender e valorizar as variadas formas de expressão linguística presentes na sala de aula.

Assim como Vasconcelos, Bagno (2007) critica a ideia equivocada de que existe apenas uma forma “certa” de falar a língua portuguesa. O autor, discorre em seus estudos que essa noção é construída historicamente a partir da imposição da norma-padrão, ignorando a existência de outras formas legítimas de uso da língua. Ele explica que o que muitas pessoas consideram “erro” é uma variedade linguística natural, ligada ao grupo social, à região ou ao contexto em que o falante vive.

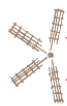
A partir das afirmações feitas pelo autor supracitado, o preconceito linguístico não tem base científica, sendo sustentado por valores sociais e ideológicos que desqualificam certos falantes em função da sua forma de falar. Dito de outro modo, a variedade existe em diferentes línguas, e entender como os orientativos curriculares irão abordá-la é o que interessa o nosso estudo, a partir de uma reflexão (leitura) discursiva.

Considerando os apontamentos de Bagno (2007), é possível destacar que a escola tem um papel fundamental no combate ao preconceito linguístico. Para o autor, o ensino da língua portuguesa deve incluir uma reflexão sobre a diversidade linguística brasileira, mostrando aos estudantes que todas as formas de falar têm valor e função social, mesmo que diferentes da norma-padrão

A variedade linguística é um tema de grande relevância, especialmente no início da escolarização, quando as crianças são introduzidas no ensino da linguagem escrita. Apesar de sua importância teórica para o processo de aquisição de leitura e escrita, o impacto da variedade linguística nesse contexto ainda recebe pouca atenção nos cursos de formação de professores alfabetizadores, que muitas vezes não são adequadamente preparados para lidar com essa questão (Barrera; Maluf, 2004).

É importante mencionar que a escola tem a função de mediar as relações entre a identidade do sujeito do campo e os conhecimentos disseminados no ambiente escolar, a fim de evitar conflitos identitários e questionar a superioridade de um saber sobre o outro, especialmente no que diz respeito às questões linguísticas (Santos; Amorim, 2022).

Estudos empreendidos pela Linguística mostraram-se fundamentais para propor novos rumos para o ensino de português, na medida em que atestaram a variação e a mudança como processos inerentes às línguas, contribuindo para combater os estigmas atribuídos às variedades não padrão (Santos; Amorim, 2022, p. 9).



Os autores evidenciam que os estudos de Linguística foram fundamentais para transformar o ensino de português, ao mostrar que a variação e a mudança são processos naturais das línguas. Isso ajudou a combater os estigmas associados às variedades não padrão, reconhecendo-as como formas legítimas de expressão. Essa abordagem contribui para um ensino mais inclusivo e respeitoso, valorizando a diversidade linguística e desconstruindo preconceitos sobre as formas de falar.

A língua não é, como muitos acreditam, uma entidade imutável, homogênea, que paira por sobre os falantes. Pelo contrário, todas as línguas vivas mudam no decorrer do tempo e o processo em si nunca pára. Ou seja, a mudança linguística é universal, contínua, gradual e dinâmica, embora apresente considerável regularidade (Costa, 1996, p. 51).

A autora discorre em seu artigo que a língua não é imutável nem homogênea, mas está em constante mudança ao longo do tempo. A mudança linguística é universal, contínua, gradual e dinâmica, ocorrendo de forma regular, mas não aleatória. Essa visão reflete a ideia de que a língua é moldada pelos falantes e pelas interações sociais, desafiando a concepção de uma língua fixa e prescritiva. Em vez de ser uma estrutura rígida, a língua é um fenômeno vivo e adaptável, sempre em transformação.

Pêcheux (1997) relata que de acordo com os recentes avanços da ciência linguística, com destaque para o *Curso de Linguística Geral*⁴, o estudo de uma língua, até então, frequentemente se resumia à análise de textos. Esse processo envolvia questionamentos sobre o conteúdo, a adequação às normas da língua e a identificação das ideias principais, refletindo uma prática que se aproxima da atual compreensão de texto.

Além disso, os estudiosos também se preocupavam com as normas linguísticas, tanto nas abordagens normativas quanto descritivas, e as questões relativas ao sentido do texto estavam intimamente ligadas aos aspectos semânticos e sintáticos presentes.

Neste sentido, pode-se afirmar que o autor aponta a ideia de que até os recentes desenvolvimentos da ciência linguística, o estudo de uma língua era, em grande parte, uma análise de textos, abordando questões sobre o conteúdo, as ideias principais e a conformidade com as normas linguísticas. Essa prática, ainda observada nas atividades escolares de compreensão de texto, procurava entender o sentido do texto e as normas subjacentes à língua em que ele se apresenta (como normas gramaticais e semânticas).

⁴ Obra organizada a partir das anotações de alunos de Ferdinand de Saussure, publicada postumamente em 1916. É considerada um marco na linguística moderna por apresentar conceitos fundamentais como língua, fala, signo, significante e significado.

A partir das contribuições de Saussure, houve um deslocamento conceitual na linguística, que passou a entender a língua não como um meio para exprimir o sentido de um texto, mas como um sistema que poderia ser descrito cientificamente. Com isso, a língua deixou de ser vista como uma junção de expressão de sentido e passou a ser entendida como um objeto de estudo em si.

De acordo com Beline (2005), a variedade linguística é uma característica natural e estruturante de toda língua viva, manifestando-se em diferentes níveis: fonológico, morfossintático, lexical e semântico. O autor enfatiza que essa variedade não deve ser vista com erro, pois resulta da diversidade de contextos sociais, históricos, regionais e situacionais nos quais a língua é utilizada.

Ainda segundo o autor, compreender a variedade é fundamental no ensino da língua portuguesa, uma vez que possibilita ao professor reconhecer a legitimidade das diferentes formas de falar presentes em sala de aula. O autor ressalta que o desprezo por essas formas diversas de fala gera preconceitos linguísticos e, como consequência, contribui para a exclusão de estudantes, especialmente aqueles provenientes de escolas do campo.

Já Bagno (2007) defende, neste sentido, que o ensino da língua portuguesa deve buscar ampliar o vocabulário dos estudantes sem apagar suas identidades linguísticas, promovendo o respeito à diversidade e combatendo o preconceito.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a variedade linguística como um aspecto fundamental no ensino da Língua Portuguesa, enfatizando que os alunos devem ser preparados para identificar e analisar as diferentes formas de uso da língua em diversos contextos. A competência EF15LP01, por exemplo, orienta os estudantes a compreender e reconhecer as variedades linguísticas, com foco em suas interações cotidianas. Assim, a BNCC propõe uma reflexão crítica sobre a pluralidade linguística no ensino-aprendizagem.

Essa perspectiva amplia o conceito de ensino da língua, indo além da norma culta e valorizando as diversas formas de expressão que surgem das diferentes realidades sociais e culturais brasileiras. Em um país de grande diversidade, como o Brasil, é fundamental que os alunos se sintam reconhecidos em suas variadas formas de falar, sem que essas sejam vistas como erros. O ensino, portanto, deve ser inclusivo, promovendo o respeito pelas múltiplas formas de comunicação e garantindo que todos os estudantes possam participar de forma igualitária na sociedade, independentemente da variedade linguística que utilizam.

A BNCC propõe, portanto, uma abordagem equilibrada, que concilia o ensino da norma culta com a valorização das variedades linguísticas. Esse modelo educacional visa ajudar os

alunos a entenderem a língua como um fenômeno dinâmico, em constante evolução, refletindo as diferentes práticas e contextos sociais. Ao mesmo tempo, o ensino de Língua Portuguesa deve preparar os estudantes para utilizar a língua de maneira eficaz em diversas situações, sem desconsiderar as formas de fala que não correspondem à norma culta.

Essa abordagem contribui, assim, para o desenvolvimento de uma cidadania linguística crítica, inclusiva e consciente, que valoriza e respeita a diversidade linguística do país. Portanto, a BNCC não apenas reforça a importância do domínio da norma culta, mas também busca garantir que as diferenças linguísticas sejam reconhecidas e respeitadas. Ao promover atividades que explorem tanto a oralidade quanto a escrita.

2. A noção língua nos procedimentos teóricos da Análise de Discurso

Como resultado desse movimento, questões sobre o sentido do texto, como “O que quer dizer este texto?” ou “Que significação contém este texto?”, passaram a ser tratadas por métodos de análise que não são diretamente ligados à linguística, como a análise de conteúdo e a análise de texto. Este estudo filia à teoria da Análise de Discurso francesa, desenvolvido no Brasil por Eni Orlandi (2008, 2012, 2014).

A Análise de Discurso surgiu no contexto de consolidação científica da linguística.

O procedimento de Análise do Discurso tem a noção de funcionamento como central. Levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de construção de sentidos e de sujeitos, lançando mão de paráfrase e da metáfora como elemento que permite um grau de operacionalização de conceitos. (Orlandi, 2008, p. 77).

A autora supracitada destaca que a Análise do Discurso tem um papel central na compreensão da construção de sentidos e sujeitos, indo além do conteúdo explícito e investigando os mecanismos subjacentes que moldam o discurso. Através do uso de ferramentas como paráfrase e metáfora, a análise busca revelar as relações ideológicas e de poder presentes nos discursos. Essas ferramentas permitem uma aplicação mais precisa e estruturada dos conceitos, tornando a Análise do Discurso uma metodologia eficaz para entender as camadas de significado e as dinâmicas sociais e ideológicas em jogo.

A Análise do Discurso, como o próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas as coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. É a palavra discurso etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de recurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em



movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2008, p.15).

A Análise do Discurso não se limita ao estudo da língua ou da gramática, mas foca no discurso como uma prática dinâmica de linguagem. A palavra "discurso", etimologicamente relacionada a movimento, sugere que o discurso é palavra em movimento, em constante construção de sentidos. Orlandi (2008), destaca que, ao estudar o discurso, observamos o homem falando, ou seja, a linguagem como uma prática social que revela as relações de poder, ideologias e a construção da subjetividade dos indivíduos.

É preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como “dito” e como “dizer”, enunciado e enunciação. Em consonância com a autora (Orlandi, 2008, p. 19), para compreender a discursividade, é preciso considerar tanto o dito (o conteúdo expresso no discurso) quanto o dizer (o ato de produzir o discurso).

O enunciado refere-se ao que é comunicado, enquanto a enunciação envolve o processo de como o discurso é produzido, levando em conta o contexto, a subjetividade e as intenções do enunciador. A Análise do Discurso, portanto, precisa entender não apenas o que é falado, mas também como e por que é dito, considerando as condições sociais e históricas que influenciam a produção do discurso.

Segundo Orlandi (2008), os objetos discursivos são simultaneamente linguísticos e históricos. As unidades do discurso formam sistemas significantes, como enunciados, relacionados a uma semiótica textual, mas também estão conectadas à história, que explica as estruturas de sentido que elas expressam.

Orlandi, 2008 afirma que questionar a existência de um “real” nas disciplinas de interpretação não significa ver o que não é logicamente estável como um erro, mas reconhecer que existe um tipo de real diferente, que não se resume à lógica ou ao conhecimento tradicional. Este real é vinculado a um saber que não pode ser facilmente transmitido, mas que gera efeitos.

O movimento estruturalista, desenvolvido principalmente na França nos anos 60, tenta abordar esse real ao relacionar linguagem e história, desafiando o positivismo e propondo novas formas de leitura. O estruturalismo se afasta da ideia de uma “ciência do real”, focando em descrever textos e seus arranjos, sem buscar interpretações fixas, como exemplificado pelas contribuições de Marx, Freud e Saussure, segundo Orlandi (2008).

A memória discursiva refere-se à maneira como os significados dos discursos são mantidos ou transformados ao longo do tempo (paráfrase e polissemia), dependendo das mudanças sociais e históricas. Não se trata apenas de lembrar o passado, mas de como os

discursos são reinterpretados e modificados para se ajustar ao presente. Ela é influenciada pelas relações de poder e ideologias; e no contexto educacional, isso significa que as ideias compartilhadas nas escolas moldam a visão dos alunos sobre o mundo e a si mesmos.

Já a formação imaginária envolve a criação de imagens e representações coletivas, que ajudam uma sociedade a organizar e compreender a realidade. Esse processo é fundamental na construção das identidades culturais e sociais dos indivíduos. Na educação, essas representações, transmitidas por meio de narrativas e símbolos, moldam a forma como os alunos percebem o mundo e sua posição nele.

Na obra de Eni P. Orlandi, *Análise de Discurso* (2008), a autora destaca que a memória discursiva não se limita a um registro estático do passado, mas envolve um processo contínuo de construção e ressignificação dos sentidos, sendo influenciada pelas condições de produção e pelas interações discursivas. Orlandi (2008, p. 30) afirma que "a memória discursiva é dinâmica, reflete as relações de poder e ideologia presentes nas diversas práticas discursivas".

A formação imaginária está relacionada à construção de imagens e representações coletivas, que moldam a forma como os indivíduos percebem o mundo e a si mesmos. A autora argumenta que "as imagens formadas no interior de um discurso possuem um caráter de antecipação, pois são construídas a partir de expectativas e projeções, que influenciam as ações e interpretações de quem as recebe" (Orlandi, 2008, p. 39).

Este trabalho é de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e interpretativa, por buscar compreender como os sentidos sobre a variedade linguística são significados no Documento de Referência Curricular de Mato Grosso, voltado aos anos finais do ensino fundamental. A pesquisa foi delimitada a partir de trechos do documento que tratam diretamente da linguagem, da variedade linguística e das habilidades previstas na BNCC relacionadas à área de Linguagens. A escolha desse material se deu pela sua importância na formação docente e pela forma como orienta o ensino da língua nas escolas.

O estudo teve como base uma pesquisa realizada com quatro estudantes do 6º ano do ensino fundamental de uma escola do Campo, denominada Escola Municipal São João, durante o estágio. O conto utilizado na atividade pedagógica, *Chapeuzinho Vermelho*, foi escolhido por ser uma história conhecida pelos alunos, com vocabulário do cotidiano.

Como referencial teórico e metodológico, adota-se a *Análise de Discurso* de linha francesa, desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil. Essa abordagem entende que o discurso é atravessado pela ideologia, história e condições de produção. Propõe compreender os efeitos de

sentidos produzidos nas formulações discursivas, considerando o lugar de onde se fala, quem fala, e em que contexto fala.

O procedimento de análise considerou o funcionamento discursivo dos enunciados presentes no currículo, buscando identificar regularidades, silenciamentos, deslocamentos de sentido e a forma como o sujeito professor e o sujeito aluno são interpelados nas formulações.

A Análise de Discurso, como defende Orlandi (2008), não se concentra apenas na estrutura da língua ou na gramática, mas investiga como os discursos e as ideias que circulam pela sociedade são construídos e de que maneira influenciam as subjetividades dos indivíduos. Através da análise do que é dito, mas também de como e por que se diz algo, é possível entender as condições sociais e históricas que influenciam a produção dos discursos.

3. A formulação da variedade linguística no Orientativo Curricular de Mato Grosso: considerações discursivas e linguísticas

A análise dos dados coletados permitiu identificar diversas dificuldades enfrentadas pelos estudantes no processo de leitura, interpretação e escrita, refletindo aspectos críticos na formação de suas habilidades linguísticas. Essas dificuldades foram analisadas a partir de teorias que discutem a importância do desenvolvimento da linguagem no contexto escolar, especialmente no que se refere à escrita e interpretação de textos.

Levando em consideração as experiências em sala de aula, podemos notar dificuldades de interpretação dos alunos. A interpretação de textos é uma habilidade complexa, que envolve não apenas a decodificação das palavras, mas também a capacidade de entender o contexto, inferir significados e relacionar as informações. A falta de uma leitura crítica e reflexiva, aliada à escassez de métodos eficazes de ensino, pode levar a dificuldades recorrentes de interpretação, como observamos nesta pesquisa.

Outro ponto crítico observado foi a grande dificuldade dos estudantes na produção textual. Embora os alunos apresentassem algum domínio de ideias ao se expressarem, há uma falha expressiva na capacidade de argumentação. Os estudantes não conseguiam expor suas opiniões de maneira clara, objetiva e organizada. A produção de um texto dissertativo argumentativo exige uma estrutura lógica, com introdução, desenvolvimento de argumentos e conclusão. Problemas de coesão e coerência textual foram recorrentes, com ideias desconexas e falta de organização na exposição dos pensamentos.

Além disso, foi identificado questões ortográficas comum da língua materna deles, não condizentes com a norma gramatical. Palavras simples, que fazem parte do vocabulário

cotidiano dos estudantes, foram frequentemente escritas com desvios ortográficos. Demonstram que os alunos estão em processo de desenvolvimento das habilidades das normas ortográficas da língua portuguesa.

A nossa experiência também revelou que dificuldades na escrita e interpretação estão diretamente relacionadas a fatores externos, como o grau de escolaridade dos pais e as condições socioeconômicas dos alunos. Em contextos rurais, relacionados a Educação do Campo, a falta de uma base educacional sólida na família pode ser um fator limitante no desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes.

Aplicação do conto *Chapeuzinho Vermelho*, como base para avaliação da interpretação e da produção escrita, revelou tanto as limitações dos alunos quanto às lacunas existentes nas práticas pedagógicas utilizadas. A atividade revelou que, para melhorar a habilidade de leitura e produção textual, é necessário um esforço conjunto que envolva não apenas os alunos, mas também os educadores e a comunidade escolar.

Com base em nossa experiência, vimos a necessidade de adotar abordagens pedagógicas mais eficazes e adaptadas ao contexto dos alunos, especialmente em escolas do campo, onde as condições de ensino frequentemente não favorecem o desenvolvimento adequado das competências linguísticas, em especial, aspectos ligados à variedade linguística.

A educação no campo enfrenta desafios significativos. É com este intuito que nos valem do Orientativo Curricular de Mato Grosso para observar como os aspectos linguísticos e sociais, supostas na concepção de variedade linguística, pode auxiliar na prática docente em sala de aula, em diferentes contextos sociais, sobretudo, o contexto social em escolas do campo.

Para que haja uma evolução nesse sentido, é fundamental a implementação de metodologias de ensino que integrem as variações linguísticas regionais, que respeitem as especificidades dos alunos da Educação do Campo e que ofereçam estratégias práticas para o aprimoramento da leitura, interpretação e escrita. A formação contínua dos professores e a adaptação das práticas pedagógicas são elementos indispensáveis para superar essas dificuldades e garantir uma educação mais inclusiva e de qualidade.

O arquivo denominado *Documento de Referência Curricular para Mato Grosso Ensino Fundamental Anos Finais* vale-se da proposta de ensino da *Base Nacional Comum Curricular*. Observaremos como e em que medida a formulação de “Variação Linguística” está posta no orientativo curricular supracitado, sustentada por outra concepção, a de variedade linguística. Um esquema a seguir, por nós elaborado, mostra um mapeamento sobre a variação linguística presente no referido documento.

VARIAÇÃO E VARIEDADE LINGUÍSTICA

Formulado apenas uma vez em uma citação, e também de outro modo de diversidade

Formulado no quadro das habilidades e objetos de conhecimentos: quatro vezes de *variedade linguística*

Fonte: Elaborado a partir da análise da BNCC (Brasil, 2017).

A formulação de variação linguística irá aparecer de modo confuso, primeiramente, articulada à questão da oralidade, introduzida no tópico *Práticas de linguagem*. Referente a este tópico, apresentamos adiante a primeira formulação, que aparece relacionada à proposta de oralidade já tratada na BNCC, porém, neste caso, dissociada das modalidades de escrita, audição e interpretação. Ou seja, o imaginário de variedade linguística ligada à linguagem verbal, língua oral, é o que aparece de modo imediato no orientativo curricular.

É importante destacar que, na medida em que se avança nos níveis de estudo, diminuisse o uso pedagógico da oralidade, na contramão do que pedem os documentos citados. Mesmo fazendo uso informal da língua, a partir do final do 3º ano, os alunos deixam de vivenciar a oralidade em muitas interações sociais. Outro aspecto que se deve apontar é o fato de que **as variações linguísticas**, que deveriam ser respeitadas como tais, dão espaço à linguagem formal, sem que, no entanto, seja explicada a necessidade de aprenderem uma **nova variação**, diferente da que já possuem e atrelada ao uso social da língua como instrumento de ascensão social. (Mato Grosso, 2018, p. 19, **grifos nossos**).

A formulação variação linguística, no lugar de variedade, aparece contextualizada, como dito, significada pela concepção de oralidade. Além disso, o documento referencial trata da variação linguística de um modo diferente da concepção de “linguagem formal”, porém, que pode ser interpretada na formulação adiante com a significação de “nova variação”, tendo em vista que a linguagem formal, para muitos pesquisadores na área da Sociolinguística, compreenda-a também como uma variedade, tida como variedade padrão.

A projeção imaginária das práticas docentes aparece, de modo indireto e não implícito, como uma prática que não é respeitada, pela seguinte formulação ‘que deveriam ser respeitadas como tais’, porém, não diz por quem: se são pelos orientativos e materiais didáticos, ou se deveriam ser por professores. De qualquer modo, vale ressaltar que a variedade linguística remete, neste primeiro momento, às diversidades de falares dos alunos em um contexto social da linguagem.

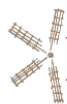
Antes de solicitar que o aluno elabore uma produção escrita, é necessário que o professor se utilize de estratégias de produção, isto é, que auxilie os alunos no desenvolvimento de habilidades de planejamento, revisão, edição, reescrita/*redesigne* e avaliação dos textos que produzirem, considerando a adequação desses aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à **variedade linguística** e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/ campo de circulação, adequação à norma-padrão etc. (BNCC, 2017). Logo, o trabalho realizado durante todo esse processo possibilitará, de fato, a correlação entre as práticas de uso e reflexão da linguagem. (Mato Grosso, 2018, p. 21, **grifos nossos**).

Este estudo faz a análise das dificuldades enfrentadas pelos estudantes no processo de leitura, interpretação e produção escrita, identificando falhas significativas nas habilidades linguísticas. As dificuldades de interpretação textual são vistas como complexas, envolvendo não apenas a decodificação das palavras, mas também a capacidade de dar significados e compreender o contexto. Além disso, a produção de textos, especialmente dissertativos e argumentativos, revelou problemas de coesão, coerência e organização das ideias, com os alunos apresentando dificuldades em argumentar de forma clara e objetiva. A pesquisa também apontou inadequações ortográficas recorrentes.

O contexto socioeconômico, especialmente em escolas do campo, foi identificado como um fator limitante no desenvolvimento dessas competências, com a falta de uma base educacional sólida nas famílias impactando diretamente as habilidades linguísticas dos estudantes. O uso do conto "Chapeuzinho Vermelho" para avaliar a interpretação e produção escrita revelou tanto as limitações dos alunos quanto as lacunas nas práticas pedagógicas adotadas.

A análise do Orientativo Curricular de Mato Grosso ressaltou a necessidade de metodologias pedagógicas que integrem as variações linguísticas regionais, especialmente em contextos rurais, para promover uma educação mais inclusiva. A variedade linguística, tratada principalmente no contexto da oralidade, precisa ser melhor integrada às práticas pedagógicas, respeitando as variações linguísticas dos alunos e preparando-os para o uso da linguagem formal, necessária para o seu desenvolvimento social.

A pesquisa também discorre sobre a importância de o professor adotar estratégias eficazes de ensino, como o auxílio na produção de textos, considerando as particularidades de cada aluno, o contexto em que o texto é produzido e a variedade linguística do estudante. Dessa forma, a reflexão e o uso adequado da linguagem são essenciais para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, especialmente nas escolas rurais.



Quadro 1- Campo Artístico-Literário: Produção de Texto.

Produção de textos	(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.	Relação entre textos
--------------------	---	----------------------

Fonte: Mato Grosso, 2018, p. 39.

De acordo com o quadro 1- Campo Artístico-Literário. Produção de Texto. Esta abordagem, no contexto educacional, envolve a exploração e produção de textos que abrangem diferentes formas de expressão artística e literária, como poesias, narrativas, crônicas, peças teatrais e ensaios. Esse campo busca desenvolver no estudante a capacidade de expressar-se de maneira criativa e reflexiva, estimulando o pensamento crítico e a apreciação da arte literária.

A habilidade EF69LP50, descrita na tabela, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de Língua Portuguesa, refere-se à capacidade de o aluno criar e produzir textos com intencionalidade, considerando diferentes gêneros e estilos, utilizando recursos linguísticos apropriados ao contexto de comunicação. Isso inclui a habilidade de organizar ideias, construir narrativas ou argumentações coesas, e utilizar a linguagem de forma expressiva e eficaz.

No campo artístico-literário, a produção de textos envolve também o desenvolvimento da sensibilidade estética e a valorização das manifestações culturais, permitindo que os alunos se envolvam com a linguagem de maneira criativa, crítica e transformadora.

Quadro 2 - Todos os Campos de Atuação.

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO		
PRÁTICAS DE LINGUAGEM	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO
	(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.	Variação linguística
	(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.	

Fonte: Mato Grosso, 2018, p. 49.

O quadro 2 - Todos os Campos de Atuação, abrange uma série de habilidades e competências que se estão relacionadas a diferentes áreas do conhecimento e do

desenvolvimento da linguagem, organizadas conforme as diretrizes da Educação Básica com a Educação Básica. As habilidades EF69LP55 e EF07LP01 são aspectos específicos do desenvolvimento linguístico, fundamentais para a prática pedagógica no Ensino Fundamental.

A EF69LP55 foca no desenvolvimento da produção textual no Ensino Fundamental, incentivando os alunos a organizar ideias de forma clara e coerente, utilizando as normas da língua para diferentes gêneros textuais. A EF07LP01 busca aprimorar a leitura e compreensão de textos, com ênfase na interpretação de informações explícitas e implícitas, além de ajudar os alunos a analisarem diferentes gêneros textuais e relacioná-los com seus conhecimentos prévios. Convém destacar que essas habilidades visam desenvolver a capacidade de produzir, compreender e analisar textos de forma crítica e eficaz, preparando os alunos para a comunicação escrita e a interpretação de textos no contexto escolar e social.

Quadro 3- Comunicação Intercultural.

Comunicação intercultural	<p>(EF07LI22.1MT) Explorar modos de falar em língua inglesa, refutando preconceitos e reconhecendo a variação linguística como fenômeno natural das línguas, a partir do contato com variações oriundas de diversos países.</p> <p>(EF07LI23) Reconhecer a variação linguística como manifestação de formas de pensar e expressar o mundo.</p>	Variação linguística.
---------------------------	---	------------------------------

Fonte: Mato Grosso, 2018, p. 112.

A habilidade EF07LI22.1MT, descrita no quadro 3. Comunicação intercultural, está relacionada ao desenvolvimento da comunicação intercultural no contexto educacional, especificamente para o 7º ano do Ensino Fundamental. Ela visa promover a capacidade dos estudantes de identificar e compreender diferentes formas de comunicação entre culturas diversas, reconhecendo as influências das origens culturais nas práticas, comportamentos e formas de expressão dos indivíduos.

Esta habilidade envolve a reflexão sobre as diferenças culturais no uso da linguagem, como normas sociais, modos de falar e agir, e a importância de lidar e dialogar com essas diferenças de forma respeitosa. O objetivo é que os alunos se tornem mais empáticos, abertos e aptos a se comunicar de maneira eficaz em contextos multiculturais, seja na convivência escolar, seja em situações do cotidiano e, posteriormente, no mercado de trabalho ou em outros contextos sociais.

Quadro 4 - Comunicação Intercultural.

Comunicação intercultural	<p>(EF07LI22.1MT) Explorar modos de falar em língua espanhola, refutando preconceitos e reconhecendo a variação linguística como fenômeno natural das línguas, a partir do contato com variações oriundas de diversos países.</p> <p>(EF07LI23) Reconhecer a variação linguística como manifestação de formas de pensar e expressar o mundo.</p>	Variação linguística.
---------------------------	--	-----------------------

Fonte: Mato Grosso, 2018, p. 119/120.

A habilidade EF07LI23, como exposta no quadro, refere-se à comunicação intercultural e tem como objetivo desenvolver a capacidade dos estudantes de compreender e produzir textos que envolvem diferentes culturas. Essa habilidade destaca a importância de analisar a diversidade cultural e entender como a linguagem reflete e é influenciada por contextos sociais, históricos e culturais distintos.

Os estudantes devem ser capazes de identificar diferenças e semelhanças entre as formas de comunicação de diversas culturas, e também de produzir textos que respeitem essas diversidades, seja na escrita ou na fala, considerando as características culturais de seus interlocutores. Ao trabalhar essa habilidade, o foco é promover o respeito, a empatia e o entendimento nas interações entre culturas diferentes, além de desenvolver a capacidade crítica dos alunos sobre as questões culturais presentes nas mensagens que produzem e recebem.

A comunicação intercultural é a troca de informações, ideias e significados entre pessoas de diferentes culturas, considerando as diferenças nos valores, crenças, comportamentos, normas e práticas. Esse tipo de comunicação envolve não apenas a linguagem verbal, mas também aspectos não verbais, como gestos, expressões faciais e costumes. O objetivo é promover a compreensão mútua e reduzir os mal-entendidos que podem surgir devido às barreiras culturais. A comunicação intercultural é fundamental para facilitar a colaboração, o respeito e integração entre indivíduos de diversas origens.

O estudo da linguagem no ambiente escolar, sobretudo em contextos de diversidade social, cultural e geográfica, exige uma abordagem crítica e reflexiva sobre as diferentes formas de uso da língua e os sentidos que circulam socialmente em torno delas. No Brasil, um dos fenômenos mais recorrentes e prejudiciais nesse campo é o preconceito linguístico, que se configura como um dos mecanismos de exclusão mais enraizados na sociedade e na escola.

Quando se trata da variedade linguística no espaço escolar, é impossível não abordar o preconceito linguístico, uma forma de discriminação que atinge diretamente os falantes de

determinadas variedades da língua, geralmente associadas a grupos marginalizados social ou regionalmente. Segundo Bagno (2007), esse é um tipo de preconceito social disfarçado: critica-se a fala, mas o alvo real é o sujeito. Como afirma o autor: “o preconceito linguístico é uma forma de preconceito social disfarçado: critica-se a língua, mas o alvo real é o falante” (BAGNO, 2007, p. 38).

No ambiente escolar, esse preconceito muitas vezes se manifesta de forma naturalizada, por meio de correções excessivas, especialmente com alunos das escolas do campo ou que utilizam variantes populares. Para Bagno (2007, p. 44), “não existe erro linguístico onde há sentido; o que há é variação”. Essa afirmação reforça a necessidade de que a variedade linguística seja reconhecida como legítima e respeitada no processo de ensino e aprendizagem.

Bortoni-Ricardo (2004) também contribui para essa discussão ao propor uma pedagogia da variação linguística, que parte do princípio de que o conhecimento linguístico que o aluno já possui deve ser valorizado e aproveitado no contexto educacional. Segundo a autora, “ensinar língua não pode ser um ato de negação da identidade do outro, mas de ampliação das possibilidades de expressão” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 22). Com isso, o professor não deve apagar ou corrigir a oralidade do aluno como se fosse um erro, mas sim utilizá-la como ponto de partida para o desenvolvimento de outras competências linguísticas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de uma abordagem que respeite as diferenças linguísticas. O documento afirma que o ensino da língua portuguesa deve valorizar as variedades da língua como expressões legítimas de identidade, evitando qualquer tipo de julgamento ou exclusão (BRASIL, 2018).

Magda Soares (2002), por sua vez, ressalta que a linguagem deve ser compreendida na escola como uma prática social, e não apenas como um conjunto de regras gramaticais. Para a autora, “ensinar a língua escrita não pode ser apenas ensinar a gramática normativa; é necessário compreender a linguagem como prática social, relacionada ao contexto e à função que exerce” (SOARES, 2002, p. 19).

De nossa parte, reforçamos a ideia de que a leitura não se limita ao objeto em si, e também não compreendemos o funcionamento da língua estanque: supomos a contradição na materialidade da língua, e de sua heterogeneidade, inclusive, no contexto de ensino e aprendizagem.

Considerações finais

A construção do material de estudo resulta da experiência em sala de aula, em um município situado no nordeste de Mato Grosso, em Santa Terezinha. Como foi observado, a proposta da análise baseia-se nos aparatos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, e o nosso recorte centra nos efeitos de sentidos textualizados na formulação *variedade linguística*, presente no *Documento de Referência Curricular para Mato Grosso*.

Os procedimentos de análise, portanto, compreendem as citações sobre a concepção de variação e variedade linguística, de um lado; e o quadro de habilidades e objetos do conhecimento, de outro. Foi observado que a formulação *variação linguística* aparece, na citação, correlacionada às questões de oralidade. Esses quadros visam reforçar o que a ciência linguística considera nos últimos anos: a diversidade das falas em detrimento da homogeneidade linguística.

A pesquisa se posiciona no sentido de ressaltar a importância de valorizar as variações linguísticas locais no ambiente escolar, no contexto da Educação no Campo, onde o português falado traz traços culturais e regionais enraizados. Há ausências desse indicativo, e vago no orientativo curricular.

A valorização das variedades do dizer é válida para o enfrentamento do preconceito linguístico e promoção do respeito à diversidade cultural e identitária dos estudantes de escolas do campo. Ao reconhecer a variedade linguística presente nas falas desses alunos, o ensino torna-se mais inclusivo e coerente com a realidade sociocultural em que estão inseridos.

Enfim, a proposta de estudo visa problematizar na formulação *variedade linguística*, pela repetição (paráfrase) de seus dizeres e, ao mesmo tempo, o deslocamento de sentidos supostos no orientativo curricular analisado. No que se refere ao currículo do estado de Mato Grosso, observa-se uma relação direta entre os conteúdos propostos e as diversidades linguísticas regionais presentes nas escolas do campo.

É fundamental que esse currículo projete e valorize a significação linguística do mato-grossense, incorporando, de forma intencional, as variedades regionais da língua. Esse reconhecimento não deve depender apenas da iniciativa do docente, mas precisa estar previsto nas diretrizes curriculares, garantindo que a diversidade linguística seja trabalhada de maneira sistemática, respeitosa e comprometida com a valorização das identidades linguísticas e culturais do campo.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola. E agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 maio. 2025.

BELINE, Ronad. A Variação Linguística. In: **Introdução à linguística** / José Luiz Fiorin (org.). 4.ed. – São Paulo. Contexto, 2005.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 12, p. 51-60, dez. 1996. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.157>.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso Ensino Fundamental Anos Finais**. DRC/EM. SEDUC/MT, 2020. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1pSprruO-tS9-puiU-IL01llcavKCJye5/view>. Acesso em 20 out. 2024.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 7.Ed. – São Paulo: Cortez/CECAMPINAS 2014.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

SANTOS, Telma Maria Pereira dos; AMORIM, Fabrício da Silva; SANTANA, Bárbara Elaine Correia de. Educação do Campo e Sociolinguística Educacional. **Enlaces**, [S.L.], v. 3, p. 1-19, 23 mar. 2022. Instituto Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.55847/enlaces.v3i.962>.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA. Tania C. C. Aspectos da historicidade da língua portuguesa falada no Brasil. In: **História das ideias linguísticas no Brasil**. construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional / organizadora: Eni P. Orlandi. – Campinas, SP: Pontes, Cáceres, MT. Unemat Editora, 2001.

VASCONCELOS, Joelson Menezes de. A variação linguística no contexto escolar. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 21, 7 de junho de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/21/a-variacao-linguistica-no-contexto-escolar>. Acesso em: 15 de mar. 2025.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**/ Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlandi – 5ª Edição, Campinas, SP Pontes Editores, 2008.